

# IMPLICAÇÕES DA RELAÇÃO ENTRE PLATAFORMIZAÇÃO DA SOCIEDADE E RACIONALIDADE NEOLIBERAL

ERIK BOUZAN

## Resumo

Este artigo analisa a relação entre a plataformação da sociedade e a racionalidade neoliberal. Para isso dialoga com os conceitos de "Plataformização" (VAN DIJCK, POELL & WAAL, 2018) e "Capitalismo de Vigilância" (ZUBOFF, 2020). O objetivo é debater de que forma se dá o imbricamento destas novas tecnologias digitais com a racionalidade neoliberal (DARDOT & LAVAL, 2016). Ou seja, como essas tecnologias se relacionam com a nova racionalidade e contribuem com a formação da sociabilidade e subjetividade contemporânea. O estudo propõe que o "super-indivíduo" plataformação, moldado por algoritmos e bolhas digitais, reforça o sujeito neoliberal ao internalizar a lógica do empreendedorismo de si mesmo, onde o próprio usuário torna-se mercadoria. A plataformação, estruturada pela governamentalidade neoliberal, transforma a atenção em recurso escasso, enquanto algoritmos normalizam condutas para maximizar a acumulação capitalista. Assim, as plataformas atuam como mecanismos centrais na homogeneização da racionalidade neoliberal e a aparência da liberdade absoluta se revela enquanto controle total do comportamento.

**Palavras-chave:** Plataformização da Sociedade; Racionalidade Neoliberal; Capitalismo de Vigilância; Governamentalidade.

## Abstract

This article examines the relationship between the platformization of society and neoliberal rationality. It engages with the concepts of "Platformization" (VAN DIJCK, POELL & WAAL, 2018) and "Surveillance Capitalism" (ZUBOFF, 2020) to analyze how digital technologies intertwine with neoliberal rationality (DARDOT & LAVAL, 2016). The study investigates how these technologies interact with contemporary rationality and contribute to shaping modern sociability and subjectivity. It argues that the "super-individual," shaped by digital platforms through algorithms and filter bubbles, reinforces the neoliberal subject by internalizing self-entrepreneurial logic, where users themselves become commodities. Structured by neoliberal governmentality, platformization transforms attention into a scarce resource while algorithms normalize behaviors to maximize capital accumulation. Thus, digital platforms serve as central mechanisms for homogenizing neoliberal rationality, where the appearance of absolute freedom ultimately reveals itself as total behavioral control.

**Keywords:** Platformization of Society; Neoliberal Rationality; Surveillance Capitalism; Governmentality.

(...) Portanto, ver na situação presente das sociedades apenas o gozo sem obstáculos (...) é esquecer a face sombria da normatividade neoliberal: a vigilância cada vez mais densa do espaço público e privado, a rastreabilidade cada vez mais precisa dos movimentos dos indivíduos na internet, a avaliação cada vez mais minuciosa e mesquinha da atividade dos indivíduos, a ação cada vez mais pregnante e dos sistemas conjuntos de informação e propaganda e, talvez sobretudo, as formas cada vez mais insidiosas de autocontrole dos próprios sujeitos (DARDOT; LAVAL, 2016. p. 375).

## **Introdução**

Não é novidade afirmar que as novas tecnologias digitais e de informação têm sido objeto de muitos debates a respeito de seus usos, apropriações e efeitos na sociedade e nos indivíduos. Também tem sido constante as pesquisas e análises a respeito de seu papel cada vez mais central na lógica econômica capitalista contemporânea. Por outro lado, a publicação do livro “A Nova Razão do Mundo”, de Dardot e Laval, reacendeu o debate sobre os efeitos da institucionalidade neoliberal na sociedade e, sobretudo, nos indivíduos. Utilizando-se do conceito de *governamentalidade*, cunhado por Foucault, esmiúçam as características e a conduta do novo sujeito neoliberal.

O objetivo deste artigo será o de debater de que forma se dá o imbricamento destas novas tecnologias digitais com a racionalidade neoliberal. Ou seja, como essas tecnologias se relacionam com a nova racionalidade e contribuem com a formação da sociabilidade e subjetividade contemporânea. A conclusão a que se chega é que, diante do processo de homogeneização promovido pela normatização neoliberal (DARDOT e LAVAL, 2016), a estrutura das plataformas digitais é capturada e orientada pela governamentalidade neoliberal.

E não só isso. O processo de *plataformização da sociedade* (VAN DIJCK, POELL e WAAL, 2018), subsumido ao padrão contemporâneo de acumulação do capital, que combina a financeirização da economia com o *sistema de vigilância* (ZUBOFF, 2020), é uma das principais formas de efetivação da racionalidade neoliberal, que se impõe em todos os níveis. Ou seja, esse novo processo de mediação das relações sociais, ou sociotécnicas, alteram as subjetividades e percepções de mundo. E esta nova dinâmica implica não só na subordinação das plataformas digitais ao processo de valorização do capital como, sobretudo, torna-se

transmissora eficaz e totalizante para a generalização da lógica do mercado enquanto ordem social, ou seja, enquanto centro teórico de explicação da sociedade<sup>1</sup>.

O que será analisado aqui, portanto, não é a utilização das tecnologias digitais nas transformações de mercado, o que por si só evidencia o caráter neoliberal de sua apropriação. O texto discorrerá sobre a forma subjetiva e o novo tipo de sociabilidade gerada por elas a partir desta apropriação.

O texto está dividido em três partes. Na primeira será detalhado os conceitos de “plataformização da sociedade” e “capitalismo de vigilância” a qual o texto dialoga. Na segunda será feito um breve resumo de algumas ideias presentes no livro “A Nova Razão do Mundo”, de Dardot e Laval e, na terceira parte, procurarei combinar essas duas perspectivas a fim de apresentar suas implicações.

### **Plataformização da Sociedade e Capitalismo de Vigilância**

A ascensão das plataformas digitais e a influência destas nas interações sociais têm sido objeto de estudo cada vez mais constantes no mundo acadêmico, sobretudo as mudanças na produção da informação, sua disseminação e seu consumo. Esta nova dinâmica tem produzido novas formas de sociabilidade e subjetividade, conforme estudos recentes apontam, a exemplo dos conceitos de “Plataformização da Sociedade” (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018) e “Capitalismo de Vigilância” (ZUBOFF, 2020).

Estes estudos apontam para uma nova configuração das relações sociais e de produção na contemporaneidade a partir das dinâmicas produzidas e retroalimentadas pelo fenômeno das redes sociais e plataformas online. Cunhada por José Van Dijck, a plataformização da sociedade é um processo dinâmico e social, ou seja, “[...] a plataforma leva à (re)organização das práticas culturais em torno de plataformas, enquanto essas práticas moldam simultaneamente as dimensões institucionais de uma plataforma.” (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2020, p. 6).

Já Zuboff (2020) argumenta que o capitalismo de vigilância, desenvolvido inicialmente pela empresa Google, se distingue do modelo capitalista até então, possuindo,

---

<sup>1</sup> “O século XX tem em Hayek uma das expressões mais importantes do neoliberalismo. Sua (teoria) lógica do mercado parte da ideia de que os indivíduos, num processo de experimentação, escolhem entre erros e acertos e, à la Popper, as regras da concorrência, elemento importante de coesão da ordem espontânea do mercado. (...) Sua teoria da evolução cultural analisa a evolução das sociedades até as sociedades complexas (great societies) como um processo de autodesenvolvimento do mercado ([1937]1983). Não à toa esta teoria se cristalizou na apologia e na retórica dos ultraliberais na defesa do mercado como a única forma de organização para as sociedades contemporâneas(Ganem, 2012)”. (GANEM, 2024. p. 101).

portanto, seus próprios “mecanismos fundacionais, imperativos econômicos e ‘leis do movimento” (ZUBOFF, 2020, p. 30). Para a autora, apesar da *expertise* tecnológica da empresa:

[...] o crédito real por trás de seu sucesso está nas relações sociais radicais que a companhia declarou como fatos, a começar com a desconsideração em relação aos limites privados da experiência humana e à integridade moral do indivíduo autônomo”(ZUBOFF, 2020, p. 30).

Neste sentido, para Zuboff, o processo de predição comportamental oriundo do armazenamento de dados dos usuários transformou a maneira como a sociedade contemporânea se organiza. Mais ainda, as tecnologias se efetivam a partir das relações sociais e, portanto, se modelam a partir destas relações, trazendo em si, reproduzindo e potencializando contradições e subjetividades próprias do período a qual está inserido.

Alguns dados ajudam a revelar a força do sistema de algoritmos na busca por prender a atenção dos usuários nas plataformas, ao passo que, para isto, tem estimulado conteúdos de cunho sensacionalistas, extremistas e de desinformação. Segundo Neal Mohan, diretor de produtos do Youtube, em 2018, 70% do tempo de exibição foi com vídeos recomendados pelo algoritmo da plataforma (CNET, 2018). Ao mesmo tempo, um levantamento feito pela organização sem fins lucrativos Mozilla Foundation mostrou que 71% dos vídeos reportados por usuários, ou seja, que violavam as políticas da própria plataforma, foram recomendados por este sistema algorítmico (Época Negócios, 2021).

Ou seja, ao passo em que a plataforma Youtube tem obtido êxito no processo de segmentação como principal mecanismo de captura da atenção, esta tem propiciado todo um ecossistema auto-sustentável, através da rentabilidade com a desinformação e com o sensacionalismo. O Relatório Executivo do Centro de Análise da Sociedade Brasileira aponta que os conteúdos falsos são os mais compartilhados no âmbito das grandes plataformas de mídia e que “a disseminação de conteúdo desinformativo pela extrema direita é favorecida pelo modelo de negócios das Bigs Techs (...)” (CASB, 2023, p. 7).

O apelo de conteúdos sensacionalistas e a lógica da captura da atenção, associados à narrativas apologéticas do capital, não são, em si, fenômenos novos.<sup>2</sup> No âmbito dos meios de comunicação de massa, ao menos, desde o advento da indústria cultural (ADORNO, 2009) e do desenvolvimento de aparelhos tecnológicos, esses fenômenos já existiam e influenciavam

---

<sup>2</sup> A reprodução da ideologia dominante abrange diversos âmbitos da vida social, mediante os aparatos disponíveis e capturados para esta finalidade. Com isso, “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes.” (ENGELS; MARX. 2007. p.72).

a subjetividade. Porém o aumento substancial de sua escala, atrelada à mudança do processo de mediação destes conteúdo ensejou uma nova realidade social. Esta mudança quantitativa resultou em uma mudança qualitativa no âmbito da socialização e da noção de verdade (TORRE, 2023). A hipótese é que, com esta alteração qualitativa do fenômeno ideológico, sua *internalização na subjetividade* teve um aumento significativo.

Henrique Chevrard Weiss, analisando a obra de José Van Dijck, afirma:

A conclusão é que estas empresas não estão apenas remodelando e oferecendo novas formas de se consumir certos serviços, elas possuem poder e influência suficiente para estabelecer novos padrões de consumo e comportamento social, com capacidade gestora de subjetividades e suas corporificações. (WEISS, 2021, p. 73).

Nas diversas esferas analisadas desta plataformização, Van Dijck, Nierborg e Poell identificaram mecanismos de curadoria ou seleção, revelando a natureza produtora de ações e valores das plataformas. Estas, afinal, não se limitam a proibir ou impedir certas ações, mas também fomentam e incentivam formas específicas de comportamento no gerenciamento da interação e atividade social.

(...) as plataformas estruturam como os usuários finais podem interagir entre si e com os complementadores por meio de interfaces gráficas do usuário, oferecendo vantagens específicas enquanto retêm outras (...). Essa forma de governança das plataformas se materializa por meio de classificação algorítmica, privilegiando sinais de dados específicos em detrimento de outros, moldando assim quais tipos de conteúdo e serviços se tornam visíveis e em destaque e o que permanece amplamente fora do alcance. (VAN DIJCK; NIERBORG; POELL, 2020, p. 7).

### **Sujeito Neoliberal**

Os autores Laval e Dardot apresentam na obra “A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal” uma reflexão sobre a natureza do neoliberalismo e oferecem a tese de que ele é uma lógica normativa global, produtor de novas formas sociais de existência e de novas subjetividades, com isso, é capaz de configurar um novo cosmo social. Para os autores, o neoliberalismo não é apenas um destruidor das instituições, mas “ele também

*produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades.” (DARDOT; LAVAL. 2016, p. 15).

Essa nova racionalidade possui dois eixos estruturantes, quais sejam, “a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (DARDOT; LAVAL. 2016, p. 16). A lógica da concorrência incorporada pelo Estado e a questão do “empreendedor de si mesmo” são dois exemplos dessas características. Isso significa que o neoliberalismo não pode ser encarado nem como apenas uma ideologia e nem como apenas um retorno ao liberalismo clássico ou um ultraliberalismo. E para isso os autores irão mobilizar Michel Foucault, com a sua análise da sociedade neoliberal e o conceito de *governamentalidade*. O postulado de Foucault utilizado pelos autores é o de que as ideias neoliberais são algo além de mera expressão ideológica de fatores econômicos.

Um dos principais motivos desta retomada de Foucault tem a ver com o fato dos autores considerarem insuficientes as análises sobre o neoliberalismo até então. É preciso entender o neoliberalismo não como um retorno a Adam Smith ou à uma ilusão naturalista (mercado e egoísmo como naturais) tal qual o *laissez-faire*, crítica como vinha sendo feita e que, geralmente com vieses fragmentados ou essencialistas. Nestas análises, segundo os autores, o neoliberalismo é a expressão ideológica da expansão dos mercados (que chegava em todas as esferas da sociedade) e, por conseguinte, representa somente a movimentação dos capitais, ou seja, o neoliberalismo é, essencialmente, expressão da lógica do capital. Os autores argumentam que esta percepção deixa escapar o ineditismo deste fenômeno.

Criticam, também as análises que pressupõe certa intencionalidade da construção do neoliberalismo, argumentando, pois, que esta racionalidade é uma construção histórica e secular, que vinha sofrendo resistências também históricas, como por exemplo as religiões, a lógica da cidadania, intelectuais e etc. Mas desde os anos 70 esta nova racionalidade encontrou terreno fértil para o desenvolvimento e consolidação na sociedade e que, ao mesmo tempo, destrói os mecanismos de resistência contra a sua governamentalidade.

É preciso tomar o neoliberalismo, portanto, como uma lógica política normativa, um tipo de racionalidade que cria, em perspectiva histórica, “um novo conjunto de regras que definem não apenas *outro* ‘regime de acumulação’, mas também, mais amplamente, *outra* sociedade.” (DARDOT, LAVAL. 2016, p. 23).

O neoliberalismo se tornou um sistema jurídico, político e institucional, conduzido pelo Estado e não por fora dele, que incorpora o modelo de empresa. Uma das características principais é justamente a transformação da lógica de Estado, que associa o espírito empresarial, incrementando normas e criando novas formas com base na lógica da

concorrência. Esse fenômeno cria uma nova relação do Estado com a sociedade e esta nova relação cria uma nova subjetividade, que é o sujeito neoliberal.

Em outras palavras, a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos (DARDOT; LAVAL, 2016. p. 332).

O neoliberalismo, portanto, conseguiu transformar as subjetividades e construir um novo sujeito.

### **Racionalidade Neoliberal e Plataformização: um Reforço Mútuo**

O processo de mediação da vida pelas plataformas é um fenômeno visível e bastante estudado. O que talvez ainda falte mais estudos e pesquisas são o impacto desta plataformização capturada pela racionalidade neoliberal, ou seja, as consequências subjetivas e na sociabilidade. Faustino e Lippold oferecem alguns pontos de partida importantes diante desta capturação do mundo digital. Neste cenário da economia de dados, ou da atenção, principal característica econômica da plataformização, os autores alertam, dentre outros aspectos, que “A mineração de dados oferece subsídios invasivos e persuasivos explícitos ou ocultos que têm por objetivo influenciar determinadas práticas (políticas ou de consumo)” (FAUSTINO; LIPPOLD. 2023, p. 125).

Essa influência nas práticas é determinada através de algoritmos, só que programados e orientados por pessoas concretas, com vistas a obter determinados resultados e a serviço, em sua maioria, dos grandes oligopólios capitalistas e do vale do silício. “(...) se algoritmos macabros colonizam nosso cotidiano para captar dados e induzir nosso comportamento e nossa subjetividade, com que *razão* o fazem?” (FAUSTINO; LIPPOLD. 2023, p. 40). Essa pergunta nos remete a duas questões: a) a programação algorítmica possui um propósito orientado e b) a ilusão da neutralidade das redes obscurece que, no esteio do produto a ser consumido, há uma conduta programada, difundida e reproduzida pelas novas tecnologias.

O que se observa é que este ecossistema de plataformas (VAN DICK, 2018) centrado no estímulo ao individualismo, no indivíduo “autônomo e independente”, representa a base de um novo tipo de conduta que vai de encontro com a racionalidade neoliberal. Na verdade, as novas tecnologias digitais se tornaram um terreno fértil para a proliferação desta conduta e

foram eficazes na consolidação da nova normatividade neoliberal, uma vez que ensejaram os mecanismos para a generalização e interiorização desta lógica ao mais íntimo do indivíduo.

Karatzogianni, Codagnone e Matthews identificaram três grandes narrativas que possuem afinidade direta com a racionalidade neoliberal: a) inserção ou reinserção na economia fruto de mudança comportamental e cultural, ou seja, uma responsabilidade individual; b) desnecessidade de regulamentação econômica de mercado dado a capacitação competitiva das empresas inovadoras e dos indivíduos destes mercados e c) apologia às empresas e ao trabalho desintermediado dos poderes estabelecidos e descentralizados, mediados exclusivamente pela ação individual casada com a neutralidade da plataforma. (KARATZOGIANNI; CODAGNONE; MATTHEWS. 2018).

As *empresas-aplicativo* e a valorização do *trabalho amador* (ABÍLIO, 2017) são bons exemplos desta narrativa. O processo de *uberização* (ANTUNES, 2023), para além de metamorfosear o mundo do trabalho, operou de forma ostensiva para interiorização de novos conceitos nas relações trabalhistas, ou mesmo antigos, só que repaginados. Para Ricardo Antunes, o algoritmo é o “novo fetiche”, que dita as formas contemporâneas de valorização do capital e, com isso:

(...) o capitalismo de plataforma, sendo plasmado por relações sociais do capital, acaba por subsumir o arsenal informacional-digital prioritariamente às necessidades de sua autoexpansão e valorização. E, ao assim proceder, recorre, uma vez mais, a formas pretéritas de exploração e espoliação do trabalho que o século xx já se encarregara, em alguma medida, de eliminar, ou pelo menos restringir, ao menos em vários países do mundo (ANTUNES, 2023. p. 524)

A consequência deste processo de precarização do trabalho, mediado pelas plataformas digitais e resultado da ampla força de trabalho sobrando, fruto sobretudo da substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto é que:

Trabalhadores/as se metamorfoseiam, então, em empreendedores, que devem imaginar seu modo de vida como uma forma de empresariamento, uma espécie de burguês-de-si-próprio. No entanto, o que se efetiva muitas vezes e sem que se perceba é a condição de proletário-de-si-mesmo. Parece florescer, então, uma curiosa figura, a do empreendedor-proletário. (ANTUNES, 2023. p. 521).

Na mesma linha, Van Dijck observa, também, esta narrativa das Big Techs refratárias das noções de bem comum valores públicos, sob a alegação dos benefícios públicos através da valorização econômica, sendo elas e seu processo de inovação propulsora da eliminação de processos custos, lentos e desnecessários, geralmente governamentais e fiadoras, com isso, da eficiência e da valorização do indivíduo enquanto sujeito autônomo e independente.

A consequência desta análise é que a própria dinâmica das redes sociais digitais estimula, instiga e potencializa no sujeito, cada vez mais individualizado, características que pertencem, pelo menos em seu conjunto, ao universo da racionalidade liberal, tais como flexibilidade e personalização, concorrência e competitividade, individualização, mobilidade e adaptabilidade. Além disso promove, em concomitância com esses valores e condutas, a ideia de uma “desintermediação” da informação, ou seja, o estímulo à negação das intermediações tradicionais do poder ou de poderes estabelecidos. Estimula-se, com isso, uma forma de “mediação individualizada”, inerentes das plataformas e redes sociais (PECINI, 2018).

Ocorre que, com isso, a sociedade de plataforma contribui, também, para aquilo que os autores da “A Nova Razão do Mundo” chamam de *ilegibilidade do poder* (DARDOT; LAVAL, 2016), uma das características da incorporação da racionalidade neoliberal pelo indivíduo. Isso porque mesmo esta nova forma de mediação não está desprovida de relações de poder, como se viu anteriormente no texto. Ela não atua sem um processo de mediação. Não pelo fato de não estar puramente consolidada, sem a influência de outros poderes já estabelecidos, mas sim porque ela própria possui, organiza e media com base em sua própria relação de poder. Porém, e esta talvez seja uma das principais de suas particularidades, este poder não tem um sujeito definido. Ou melhor, assim se apresenta.

Esta nova relação de poder, ao contrário dos poderes anteriores, que possuíam certo “sujeito definido”, é intermediada, organizada e produzida pela tecnologia que, por sua vez, está atrelada ao processo de valorização do capital. Porém o seu efeito na subjetividade possui grande correspondência com o processo de autonomização do indivíduo, uma vez que a tal mediação individualizada, mesmo pressupondo conexões, contribui com a sua desvinculação social, na medida em que o indivíduo, pelo menos de forma aparente, organiza, escolhe e produz o seu próprio conhecimento do mundo. Isso atrelado à competitividade da busca por mais conexões, motor de valorização do capital.

(...) a ideologia do sucesso do indivíduo “que não deve nada a ninguém”, a ideologia do self-help, destrói o vínculo social, na medida em que este repousa sobre deveres de reciprocidade para com o outro.

Como manter juntos sujeitos que não devem nada a ninguém?  
(DARDOT; LAVAL, 2016, p.367).

Esse indivíduo, inserido na lógica do processo autorrealizador, cada vez mais flexibilizado e adaptável, e portanto atrelado ao fenômeno da “corrosão da personalidade” ((DARDOT; LAVAL, 2016) vê potencializado pelas redes sociais também um dos efeitos da racionalidade neoliberal, um dos mais marcantes e provavelmente patológicos, qual seja o da “escolha permanente”, contribuindo para o aprofundamento desta corrosão e também da instrumentalização da estrutura simbólica por parte desta racionalidade. É difícil não associar este mecanismo com a fluidez e efemeridade com que a dinâmica das redes sociais se impuseram. Tampouco desconsiderar que um dos principais mecanismos, ou provavelmente o principal, de absorção desta dinâmica seja através destas plataformas infraestruturais (VAN DIJCK;

## **Conclusão**

O que se pretendeu apresentar foi a hipótese de que o “super-indivíduo” plataformizado, moldado por suas próprias escolhas e personificação através das bolhas, não só é semelhante como complementa e potencializa o sujeito neoliberal, governado por si. Se o neoliberalismo, ao contrário do liberalismo clássico, compreendeu que apenas o movimento do capital não era suficiente para o seu estabelecimento e, para isso, era necessário “(...) uma rede de sanções, estímulos e comprometimentos que tem o efeito de produzir funcionamentos psíquicos de um novo tipo” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 326), ele encontrou no ecossistema destas plataformas um forte propulsor. Mais do que isso, a própria plataformização da sociedade, que não se confunde com as tecnologias em si, foi constituída já com esta orientação.

Esta estrutura virtual, orientada pela governamentalidade neoliberal, coloca diretamente o indivíduo, ou usuário, como empreendedor de si em um regime concorrencial, ao passo que é, ele próprio a mercadoria, que tem na atenção o bem escasso a ser perseguido a todo custo. A modelação da racionalidade neoliberal no mundo virtual através de algoritmos, na prática, busca conter as potencialidades que este universo possui, restringindo, confinando e normalizando condutas em busca da valorização incessante do capital, o que torna este universo um elemento crucial no processo de homogeneização da normatividade neoliberal.

Parece que a ascensão e o espraiamento da lógica das plataformas para além do mundo online foi concomitante com o espraiamento da lógica do mercado para além das esferas propriamente econômica. Basta observarmos, tanto cronologicamente quanto narrativamente, o desenvolvimento de ambos. Parece, também, que este aparato contemporâneo entrecruzado das plataformas digitais, através dos sistemas algorítmicos, e da reprodução de conteúdos retóricos e incessantes de apologia à uma conduta hegemônica, de amplificação da lógica de mercado enquanto ordem social, tendem a criar de forma eficaz certa “unidimensionalidade”, para lembrar Marcuse, criando assim uma subjetividade hegemônica.<sup>3</sup>

A aparência da liberdade absoluta impregnada nas propagandas das plataformas, nos estímulos “coach”, revela-se, quando se observa mais profundamente, enquanto controle total do comportamento através dos novos mecanismos forjados do processo de plataformização e, em uma espécie de *intercâmbio, ou metabolismo, sociotécnico*, pretende dominar a natureza humana. A evolução predatória de dispositivos que refinam e modelam o comportamento social, individual e coletivo, centrada na extração primitiva de dados, bem como sua transformação em mercadoria, induzem a um estágio superior a produção totalitária da sociedade capitalista, minando assim a democracia em sua base fundamental. O novo “homem competitivo” (DARDOT; LAVAL, 2016) encontrou neste novo ecossistema o seu espelho.

## Referências Bibliográficas

VAN DIJCK, José ; POELL, Thomas; NIEBORG, David. **Plataformização**. *Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos*, v. 22, n. 1, p. 2-10, jan./abr. 2020.

WEISS, Henrique Chevrand. **A perspectiva infraestrutural na análise da plataformização da sociedade: a contribuição de José van Dijck**. *Revista Contraponto*, v. 8, n. 3, dez. 2021.

---

<sup>3</sup> “O homem tem de vê-la e passar da consciência falsa para a verdadeira, do interesse imediato para o interesse real. Só poderia fazê-lo se viver com a necessidade de modificar o seu estilo de vida, de negar o positivo, de recusar. É precisamente essa necessidade que a sociedade estabelecida consegue reprimir com a intensidade com que é capaz de “entregar as mercadorias” em escala cada vez maior, usando a conquista científica da natureza para conquistar o homem cientificamente” (MARCUSE, 1979. p. 17).

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder**. Tradução de George Schlesinger. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

PECINI, André. **Plataformização da Web à Sociedade de Plataforma: Impacto da Mediação Digital na Sociabilidade e Subjetividade**. VI Congresso Internacional de Comunicação e Cultura. Disponível em [https://www.comcult.cisc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/GT8\\_Andre%CC%81-Pecini-URJ.pdf](https://www.comcult.cisc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/GT8_Andre%CC%81-Pecini-URJ.pdf)

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian, **A Nova Razão do Mundo: Ensaio Sobre a Sociedade Neoliberal**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

CODAGNONE, Cristiano, KARATZOGIANNI, Athina, MATTHEWS, Jacob. **Platform Economics: Rhetoric and Reality in the "Sharing Economy"**. 1ª Ed. Emerald Publishing Limited. 2018.

FAUSTINO, Deivison, LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital: por uma Crítica Hacker-fanoniana**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.

BLOG DA BOITEMPO. **A pílula vermelha: redes sociais, pós-verdade e a ideologia bolsonarista**. 26/01/2023. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/01/26/a-pilula-vermelha-redes-sociais-pos-verdade-e-a-ideologia-bolsonarista/>. Acesso em 20 de Dezembro de 2024.

MARX, K. **O capital: crítica de economia política. Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2023.

MARX, K. **O capital: crítica de economia política. Livro III: o processo global da produção capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2017.

ABÍLIO Ludmila C. **Uberização: subsunção real da viração**. Passapalavra, 19 fev. 2017. Disponível em: <https://passapalavra.info/2017/02/110685/>

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica (1978-1979)**, SP – SP, Martins Fontes, 2008

ÉPOCA NEGÓCIOS. **YouTube recomenda vídeos que violam suas próprias políticas, diz pesquisa**. 10/07/2021. Disponível em:

<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2021/07/youtube-recomenda-videos-que-violam-suas-proprias-politicas-diz-pesquisa.html>. Acesso em 7 de Novembro de 2024.

THE INTERCEPT BRASIL. **Como o Youtube se Tornou um Celeiro da Nova Direita Radical**, 09/01/2019. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2019/01/09/youtube-direita/>. Acesso em 5 de Novembro de 2024.

THE INTERCEPT BRASIL. **Cinco dos Dez Canais que Explodiram no Ranking do Youtube Durante as Eleições São de Extrema Direita**, 28/08/2019. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/>. Acesso em 5 de Novembro de 2024.

ANTUNES, R. **Uberização do trabalho e capitalismo de plataforma: uma nova era de desantropomorfização do trabalho?**. *Análise Social, [S. l.]*, v. 58, n. 248, p. 512–532, 2023. DOI: 10.31447/AS00032573.2023248.04. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/33535>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

GANEM, Angela. **Lógica do Mercado e Lógica Cultural no Capitalismo Atual**. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*. nº 70. Ed. set 2024 - dez 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.69585/2595-6892.2024.1195>

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.